

TIPOGRAFIA BUROCRÁTICA (TAVIRA, 1882-1912) LIGAÇÕES TRANSLOCAIS DA CULTURA IMPRESSA: GENTES, SABERES E TEXTOS

Patrícia de Jesus Palma

CHAM-FCSH/UNL, UAc⁽¹⁾

Resumo

O desenvolvimento das estruturas da cultura tipográfica ao longo do século XIX contribuiu decisivamente para a complexificação das experiências espaço-temporais da Contemporaneidade, desafiando os pressupostos simplistas sobre as relações entre centro e periferia. O artigo dedicado à Tipografia Burocrática (Tavira, 1882-1912) concentra-se no estudo da circulação translocal, não só de textos e ideias, mas também da globalidade dos recursos, práticas e objectos da actividade tipográfica, tendo por objectivo situar a natureza e a importância desta oficina-editora na dinâmica do sistema editorial português.

Palavras-chave: Cultura Impressa; História da Edição Contemporânea; Translocalidade; Tipografia Burocrática; Tavira – Algarve.

1 | A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990. A pesquisa beneficiou da prestimosa colaboração do Senhor Ofir Renato Chagas, nomeadamente na cedência de espécies publicadas na Tipografia Burocrática, a quem agradeço.

Intróito

No século XIX, os tipógrafos⁽²⁾ continuaram a ser especialistas de um conhecimento pouco difundido no território português. Formavam um grupo populacional reduzido (ca. 950 indivíduos em todo o império, em 1863⁽³⁾), concentrado nas cidades de Lisboa e do Porto, mas ainda assim um grupo organizado e reconhecido, quer do ponto de vista social, quer literário⁽⁴⁾. A expansão do sistema de produção da cultura impressa não pôde prescindir do seu envolvimento activo. Sucessivas deslocações, mais ou menos temporárias, em dinâmicas interurbanas e inter-regionais para instalar novas oficinas, dirigir e transferir conhecimentos, adaptá-los e desenvolvê-los segundo as experiências e os recursos locais, animaram a actividade, a sociabilidade e as ligações de um espaço cultural cada vez mais dilatado, tipográfica e editorialmente policêntrico e interligado.

A itinerância caracterizou a aventura tipográfica pelo mundo. Reclamando uma actividade contínua, o tipógrafo teve de perseguir incessantemente mecenas, leitores e encomendas e ele próprio se lançou na arte de formar um mercado das letras local que lhe permitisse maior estabilidade. Assim sucedeu entre os séculos XV e XVIII⁽⁵⁾ e ainda no XIX, quando a tipografia conquistou

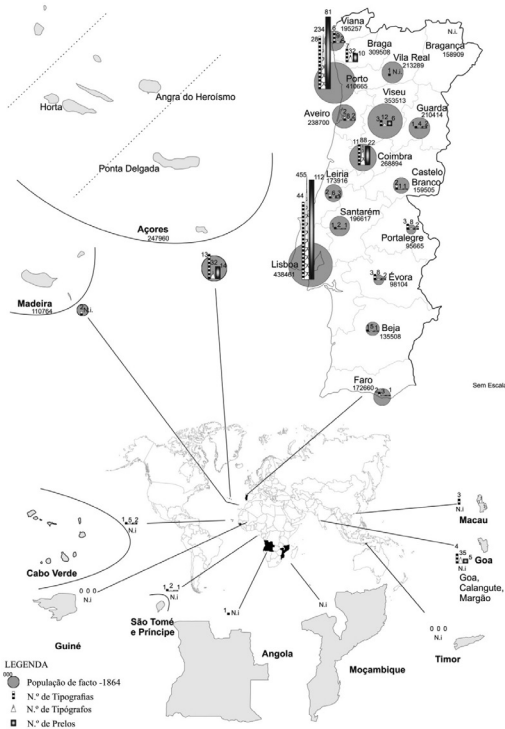


Fig. 1 - Distribuição geográfica da indústria tipográfica portuguesa em 1863 - Elaborado por: Hélder Ferreira - Fonte: PALMA (2015).

2 | Incluem-se nesta categoria os compositores, impressores, fundidores de tipos e alude-se indirectamente às profissões correlatas do universo do impresso, tais como de gravadores puncionistas e de madeira, estampadores, desenhadores e impressores litográficos, fabricantes de papel, encadernadores, calandeiros, marjadores e acetinadores de papel, aprendizes, donos de oficinas e fábricas; comerciantes livreiros. Cf. RIBEIRO (1887: 85-86), vol. XV.

3 | Cf. TELLES (1864).

4 | Cf. PEREIRA (1981: 135-151).

5 | Cf. FEBVRE e MARTIN (2000 [1958]: 179-191; 228-241).

a globalidade do território português e a figura do editor se consolidou como uma profissão autónoma⁽⁶⁾.

Do diálogo entre a mobilidade e o trabalho local, das solidariedades e da transferência de competências entre oficiais que se cruzavam e instigavam mutuamente, resultaram, frequentemente, propostas inovadoras e actualizantes no espaço editorial⁽⁷⁾. Não esqueçamos, pois, que os artífices, sendo trabalhadores manuais mas instruídos, eram os primeiros a contactar com as novas ideias, sendo por essa razão considerados como a «primeira classe que estava ligada aos homens científicos e literatos»⁽⁸⁾.

A história da sedentarização da actividade tipográfica continuou a escrever-se sob o signo da activa circulação translocal de gente, de equipamentos, de saberes, de formatos e de textos, que dilatou o espaço cultural e o diversificou de acordo com as singularidades de cada novo pólo de produção da palavra plural. O conceito de translocalidade⁽⁹⁾, desenvolvido no âmbito dos estudos geográficos, é especialmente fecundo para pensar criticamente a mobilidade e a sua complexidade, sobretudo no contexto de desenvolvimento das estruturas tecnológicas da comunicação impressa, responsáveis pela criação ou intensificação de novas formas de comunicação, redes e lugares de sociabilidade geograficamente discordantes, mas temporalmente simultâneas, alterando significativamente a relação do sujeito com as experiências espaço-temporais e que o digital amplificou. É a esta luz conceptual que reunimos os seguintes apontamentos sobre a Tipografia Burocrática.

1. Génese e desenvolvimento do espaço editorial da Tipografia Burocrática

No momento em que trazemos à memória a criação da Tipografia Burocrática, não podemos deixar de aludir ao facto de a cidade de Tavira ter tido um prelo em funcionamento no Convento do Carmo,

6 | LISBOA (2015: 15-30).

7 | Seguimos o conceito de espaço, desenvolvido por BOURDIEU (1992).

8 | OLIVEIRA (1853: 23).

9 | Sobre o conceito de translocalidade, cf. BRICKELL and DATTA (2011) e sobre a sua aplicação ao domínio dos estudos da cultura impressa, v. FINKELSTEIN (2014: 150-166).

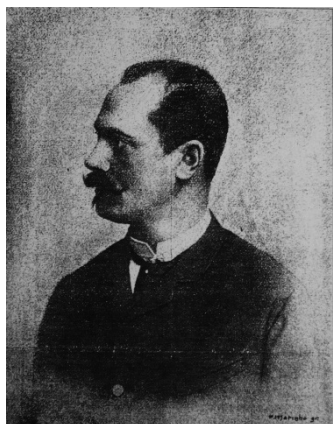


Fig. 2 - Retrato de João Daniel Gil Pessoa - Fonte: *O Heraldo. Antigo Jornal de Anuncios*, n.º 1054, 11/09/1902.

comprovadamente, em data anterior a 1834⁽¹⁰⁾. Pesquisas futuras poderão confirmar a primazia desta casa de impressão na cidade do rio Gilão, o que trará nova luz sobre o dinamismo cultural das ordens religiosas.

Entretanto, para o período de 1834 a 1882, é certo não termos notícia de qualquer outra iniciativa na cidade, apesar de a actividade tipográfica ter começado a expandir-se na região desde a década de 1860⁽¹¹⁾ e Tavira ter, para além do principal aglomerado populacional do Algarve (11.459 habitantes, seguida por Faro com 8.561, Lagos com 7.279 e Silves com 6.913, locais onde a actividade tipográfica já tinha chegado)⁽¹²⁾, uma garantida comunidade de leitores⁽¹³⁾.

Ainda assim, foi só no ano de 1882 que João Daniel Gil Pessoa⁽¹⁴⁾, um profissional das letras – escrivão e tabelião de Direito da Comarca de Tavira – decidiu estabelecer a *Tipografia Burocrática* na rua Borda d'Água d'Aguiar, n.ºs 5 e 7 (actual rua Jacques Pessoa).

Foi deslocada, mais tarde, para a rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11 (actual

10 | Data em que foi inventariado no âmbito do cumprimento do decreto de 30 de Maio de extinção das ordens religiosas.

11 | Impulsionada pela lei de 17 de Maio de 1866 que extinguiu as restrições colocadas à edição periodística. Cf. PALMA (2016: 163-171).

12 | Recenseamento Geral de 1878. Disponível em : http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1878.

13 | No ano de 1866, para o qual dispomos de mapas estatísticos seguros, frequentavam a instrução primária 600 crianças no concelho de Tavira. As refs. na imprensa periódica permitem-nos identificar a existência de comércio livreiro local, através da loja de Diogo Feria Mendonça (1863), de Roque Feria (1876), de António Augusto Soares (1876), da Livraria Central com gabinete de leitura de R. F. & C.ª [Roque Feria & Companhia?] e da Tabacaria Popular de José Maria dos Santos (1883). Há a acrescentar o comércio e aluguer por correspondência, que não necessitava de intermediários publicitáveis e, por isso, são mais difíceis de nomear.

14 | João Daniel Gil Pessoa nasceu em Tavira a 14/08/1854 e aí faleceu a 06/09/1902. Era primo em segundo grau do poeta Fernando Pessoa e notabilizou-se pelas diversas iniciativas empresariais que dinamizou na sua terra natal e que lhe deram a reputação, já na sua época, de «um grande empreendedor a quem Tavira deve as mais arrojadas e florescentes das suas empresas industriais» (*O Heraldo. Antigo Jornal de Anuncios*, n.º 1054, 11/09/1902, p. 1.). Além da tipografia, fundou uma fábrica de moagens no antigo convento das Bernardas em colaboração com Silvestre José Falcão; fundou e dirigiu a Companhia Piscatória de Bias; construiu a Garagem Tavirense, onde deu início às carreiras de camioneta entre Tavira e Lisboa e foi-lhe atribuída a preparação de uma fábrica de chapéus, cujas provas de laboração não foi possível obter. Nos domínios do associativismo e do desporto, deveu-se-lhe a iniciativa da criação da Associação de Bombeiros Voluntários de Tavira e o fomento da actividade velocipédica, tendo, em 1880, experimentado «a bicicleta que tinha adquirido numa das suas deslocações a Paris» (*In ROMÃO*, 2013: 23).

rua Alexandre Herculano), onde se encontrava no ano de 1900.

Estávamos num período em que as oficinas tipográficas surgiam para dar resposta às crescentes necessidades do comércio e da indústria e menos a razões do foro ideológico, muito presentes nas instalações da década de 1870.

A denominação pessoana anunciava o propósito de oferecer à cidade um serviço de apoio às actividades administrativo-burocráticas, mas rapidamente criou uma rede de distribuição de impressos à escala inter-regional, através de uma iniciativa editorial inovadora, sobre a qual me deterei adiante.

Não se conhece um catálogo autónomo de produções da oficina, mas a panóplia de serviços publicitada permite-nos aferir dos diferentes contextos socioliterários de apropriação da escrita, como se lê no *Jornal de Anuncios: edição de Cuba*, produzido na Burocrática: «livros, mappas, facturas, bilhetes de visita, participações de casamento, menús, programmas, timbres em papel e sobrescriptos, impressões a ouro, prata, côres, etc» (Fig. 3)⁽¹⁵⁾.

A casa assegurava concorrência às demais oficinas existentes no Algarve (8 no total: 6 em Faro, 2 em Lagos) e às de outros centros de produção, como Lisboa ou Porto, materializada por diferentes estratégias⁽¹⁶⁾ de proximidade com os clientes, como testemunha o anúncio



Fig. 3 Publicidade à Tipografia Burocrática. Fonte: *Jornal de Anuncios: edição de Cuba*, n.º 61, Tavira, 10.1.1885.



Fig. 4 Publicidade à produção específica da Tipografia Burocrática. Fonte: *Jornal de Anuncios: edição de Cuba*, n.º 61, Tavira, 10.1.1885.

15 | *Jornal de Anuncios: edição de Cuba*. Tavira, 10.1.1885, p. 2.

16 | Acerca do conceito de estratégia, seguimos DE CERTEAU (1990), CHARTIER (1988) e BOSCHETTI (1991).

«Bilhetes de visita» (fig. 4). A tipografia nascia para acrescentar valor e visibilidade ao mundo institucional, comercial, socioliterário. A iniciativa editorial do *Jornal de Anuncios* sintetiza-o e ilustra-o.

1.1 A publicidade enquanto projecto editorial

Com o título *Jornal de Anúncios* e sendo exclusivamente dedicado à edição publicitária, apenas conhecemos nove títulos nacionais, cinco dos quais com origem no Algarve⁽¹⁷⁾. Dentro do mesmo género editorial, podem acrescentar-se algumas outras edições, como *O Periodico dos Anuncios*, o primeiro do género, lançado no Porto a 19 de Outubro de 1827, *O Corrector de Lisboa Gratis* (Lisboa, 1836), *O Corrector Lisbonense: jornal de annuncios* (Lisboa, 1842-1843) e os jornais *O Grátis*, de que conhecemos cinco publicações⁽¹⁸⁾. Globalmente, foi um género com pouca expressividade⁽¹⁹⁾, para o que terá contribuído a concomitante expansão periodística e a consolidação da imprensa noticiosa de 4 páginas, a última das quais exclusivamente dedicada à publicidade. Para que se confirme a regra geral, o *Jornal de Anuncios* de Tavira (01/02/1883-27/12/1900) configurou a excepção, sobrevivendo até ao fim do século XIX, durante dezassete anos, embora com alguns ajustes editoriais.

A publicidade respondia à gradual necessidade de democratizar o acesso à informação e ao conhecimento. António Manuel Henriques, um dos cabouqueiros deste género no Algarve, considerava: «assumindo a tarefa de generalizar a noticia dos inventos mais uteis nas sciencias, nas artes, e nas industrias, e é um dos primeiros fautores dos interesses do homem social.»⁽²⁰⁾. João Daniel Gil Pessoa, por seu lado, compreendeu o

17 | Com o título *Jornal de Anúncios* e por ordem cronológica enquadrámos a trajectória deste género periodístico: 1835, Lisboa; 1838-1842, Lisboa; 1877, Lisboa; 1880, Faro; 1883-1900, Tavira; 1884-1885?, Portimão (co-edição de Tavira); 1885, Cuba (co-edição de Tavira); 1886?-1888, Lagos (co-edição de Tavira); 1896, Caminha. Cf. RAFAEL e SANTOS (2002: 27-28), vol. II. Certamente por lapso, não está inventariada neste repertório a edição de Portimão e que consta da colecção da BNP.

18 | *O Grátis: Jornal d'Anuncios*. Lisboa, 1836-1857; *Grátis Moderno: jornal de annuncios*. Lisboa, 1862; *O Grátis*. Lisboa, 1876; *O Grátis: annunciaro semanal*. Faro, 1880; *O Grátis d'Évora: publicação só de annuncios da Casa Minerva*. Évora, 1880.

19 | Razão por que António Manuel Henriques, proprietário do *Jornal de Anuncios* que se publicou em Faro em 1880, afirmava: «Portugal é talvez, d'entre as nações da Europa, aquella onde a idéa [jornal de anúncios] não tem quasi conseguido romper as faxas do ensaio, sendo assás limitada por ora a sua esfera d'acção, e correspondendo-lhe bem assim em razão directa a exiguidade dos beneficios que ainda derrama, e que necessariamente reclama o nosso modo de ser de povo ilustrado e culto.» N.º 1, 28/01/1880, p. 1.

20 | *Jornal de Anuncios: Annunciaro Semanal*. Faro: 28/01/1880, p. 1.



Fig. 5 - *Jornal de Anuncios: edição de Tavira*. Tavira: Typ. - Burocrática, n.º 21, 7/6/1883 - Rep.: BNP, J. 1686/27 V.



Fig. 6 - *Jornal de Anuncios: edição de Cuba*. Tavira: Typ. Burocrática, n.º 61, 10/1/1885 - Rep.: BNP, J. 2456/45 V.

estímulo recíproco entre a imprensa e a actividade administrativo-comercial. Partindo da segurança que o anúncio oficial lhe oferecia por representar uma fonte segura e regular de receitas, abriu diversos canais de publicação, distribuição e consumo do impresso. Como tal, lançou a ideia em outros concelhos do Algarve e Baixo Alentejo e consorciou-se com Tomás Joaquim Rua em Loulé (Setembro de 1883)⁽²¹⁾, Luís Furtado Guerra em Portimão (1884?-1885)⁽²²⁾, com José Joaquim Correia Júnior em Lagos (1886?-1888)⁽²³⁾ e com Jacinto Alexandre da Fonseca Neves em Cuba (1884-1885), onde surgiram as novas edições do *Jornal de Anuncios* (Figs. 5 e 6).

21 | No estado actual dos conhecimentos, não há evidências directas ou indirectas de que *O Jornal de Anuncios de Loulé* tenha chegado a publicar-se. No entanto, existem as provas documentais do pedido de autorização realizado pelo escrivão de direito da Comarca de Loulé, Tomás Joaquim Rua, conforme determinado pela lei de 17 de Maio de 1866, art.º 2.º. Apesar da raridade da documentação, considero que a sua publicação no âmbito específico deste artigo não é oportuna, até pela sua brevidade, pelo que encaminho o leitor interessado para a consulta do original, depositado no Arquivo Histórico de Loulé, com a cota ACLE/CL/001/cd001.

22 | Embora o jornal esteja descrito no catálogo da BNP, com base no n.º 102 (31 Jan. 1885), ano 2, não se encontra disponível para consulta e não tem informação exemplar.

23 | Existe na colecção da BNP com a cota J. 2461/27 V., correspondente ao n.º 174 (25 Ago. 1888), não é consultável devido ao elevado estado de deterioração física.

Os anúncios esporádicos eram vendidos à linha comum por 40 réis, sendo os de natureza permanente negociados particularmente, assim como os do comércio e da indústria. Os anúncios literários eram feitos gratuitamente, desde que a administração recebesse dois dos exemplares em causa. O jornal estava organizado por um cabeçalho identificador semelhante nas várias edições e os anúncios distribuía-se por três colunas separadas por finos filetes. Apesar de pequenas e discretas, a utilização de gravuras era recorrente, permitindo uma leitura imediata do tema dos anúncios. No entanto, a maior expressividade visual foi conseguida pela variedade tipográfica, que servia não só para captar a atenção dos leitores, como também de mostruário da Tipografia (figs. 5 e 6). Apesar das expectativas pessimistas sobre a adesão dos anunciantes particulares, verificou-se que o pequeno comércio, serviços e indústria rapidamente aderiram à publicidade, ocupando os anúncios oficiais apenas cerca de $\frac{1}{4}$ do espaço editorial, em média.

João Daniel Gil Pessoa criou uma rede inter-regional de informação, que abarcou uma enorme variedade de produtos, de profissões e de actividades destinados a públicos muito heterogéneos. Este fluxo informativo, corporizado nas edições locais do periódico semanal, chegou a atingir a circulação simultânea de 6000 exemplares de distribuição gratuita em 1885, uma tiragem muito apelativa para os anunciantes. Para alicerçar esta dinâmica, estava em causa uma sólida estrutura das condições técnicas e humanas do trabalho tipográfico, fluídas e eficazes vias de comunicação e pontos de distribuição seguros. Como ponto de distribuição do *Jornal de Annuncios* da casa-mãe, João Daniel Gil Pessoa negociou a agência do periódico em oito capitais de concelho. O multiplicar das gentes ligadas ao impresso alcançou as áreas do interior, predominantemente rurais e com baixa densidade populacional, mediante o estabelecimento de representantes da Tipografia Burocrática, como ilustramos no Quadro 1.

Era, assim, possível, a partir de qualquer destes pontos:

«receber as suas encomendas e entregar as respectivas importancias, d'onde lhe resulta além da commodidade, a economia de estampilhas, de tempo e trabalho de escrever.»⁽²⁴⁾

24 | *Jornal de Annuncios*: edição de Cuba. Tavira: Tip. Burocrática, n.º 61, 10.1.1885.

Estavam reunidas as comodidades para convencer o potencial público.

A distribuição geográfica e a publicidade evidenciam a natureza dinâmica, relacional e continuamente em trânsito da cultura tipográfica e permitem-nos lançar alguma luz sobre os mecanismos de constituição de um mercado crescente para o impresso, percebendo-se como foi engendrada a sua relativa massificação, numa fase em que, para além de Tavira, apenas Faro e Lagos possuíam oficinas activas e só em Faro se publicavam dois outros periódicos⁽²⁵⁾. Não tardaria que novas tipologias textuais invadissem as secções editoriais do *Jornal de Annuncios*, que, sob a propriedade do sucessor de Gil Pessoa, o comerciante José Maria dos Santos, o conduziria ao célebre *Heraldo*⁽²⁶⁾. Contudo, nem Gil Pessoa nem José Maria dos Santos eram tipógrafos. Se a estratégia comercial de Gil Pessoa foi certa e fez prosperar a indústria tipográfica, a competência técnica e literária do tipógrafo, «director em chefe», seria determinante para o alcance cultural da Tipografia Burocrática.

25 | No ano de 1885, o campo editorial periodístico era articulado, para além das edições do *Jornal de Annuncios*, pela publicação de *O Distrito de Faro* (Faro: 6/4/1876-24.4.1913) e pelo *O Progresso do Algarve: Órgão da Política Progressista Algarvia* (Faro: 8/12/1880-23/6/1889?), dois jornais noticiosos e de opinião, desconhecendo-se as tiragens de ambos e a sua efectiva distribuição geográfica, devido à falta de exemplares onde possamos recolher estas informações.

26 | Cf. PALMA (2012: 113-126).

Localidade	Agentes do Jornal de Annuncios, de Tavira	Agente da Tipografia Burocrática
Alcoutim		Manuel António Torres
Vila Real de Santo António	Martinho José Rodrigues	Martinho José Rodrigues
Olhão	Feliciano José Alves ⁽¹⁾	Manoel da Fonseca
Faro	Miguel António Galvão	Miguel António Galvão
Loulé		Alexandre João do Nascimento Santos
Albufeira	João das Neves Sousa Ramos	João das Neves Sousa Ramos
Lagoa	Domingos Feria ⁽²⁾	Domingos Feria
Silves	Diogo Gonçalves Egídio	Manoel Luiz Martins e José da Cruz Guerreiro
Monchique		Joachim Callapez Guerreiro
Portimão	Luís Furtado Guerra	Carlos Giacheri e Joaquim da C. Franco
Lagos	Joaquim do Nascimento Correia	Joaquim do Nascimento Correia
Mértola		Abílio Bandeira
Cuba		Jacinto Alexandre da Fonseca Neves

Quadro 1: Canais de circulação do impresso, criados pelo *Jornal de Annuncios* e pela Tipografia Burocrática.

Fontes: *Jornal de Annuncios: edição de Tavira*. Tavira: Tip. Burocrática, 7.5.1883, n.o 21 e *Jornal de Annuncios: edição de Cuba*. Tavira: Tip. Burocrática, n.o 61, 10.1.1885.

1 | Feliciano José Alves (n. 1847, freg. S. Pedro de Faro, e faleceu no sítio de Marim, freg. de Quelfes, concelho de Olhão em 24/09/1897). Foi o primeiro escrivão da Comarca Judicial de Olhão, tomando posse a 28/10/1875, e, paralelamente, esteve ligado às artes gráficas. Em data não determinada terá adquirido parte da Tipografia Democrática de Olhão (1888-1921), a primeira que aqui se fundou, sob a iniciativa do republicano Roque Féria (n. 1856, Castellújos, Sevilha – f. a 20/04/1889, Santa Maria- Tavira), e a partir de Abril de 1889 assumiu o cargo de editor do jornal *O Porvir: Republicano- Democrata* (28/10/1888-08/02/1891), seguindo-se nas mesmas funções o semanário *O Futuro: Semanário Democrático* (15/03/1891-23/06/1909).

2 | Domingos Feria era comerciante em Lagoa e irmão de Roque Feria, nomeado na nota anterior.

II. O prestígio cultural de um tipógrafo: o «director em chefe» Jaime Quirino Chaves

«[...] o director em chefe o nosso bom e inteligente amigo, sr. Jaime Quirino Chaves, acaba de dar á luz um esperançoso poeta algarvio, o sr. Francisco X.[avier] Cândido Guerreiro, de Alte.»⁽²⁷⁾

Jaime Quirino Chaves merece um lugar na galeria dos «tipógrafos ilustres»⁽²⁸⁾, avultando nas qualidades artísticas de tipógrafo, de mestre, de editor, de escritor, de actor e também de músico. O estudo da sua trajectória dará uma publicação autónoma; restringir-nos-emos, neste artigo, à sua trajectória até à Tipografia Burocrática, suficiente para ilustrar a importância da mobilidade humana e cultural e o contributo da sua intervenção cultural na configuração do campo editorial.

Jaime Quirino Chaves⁽²⁹⁾ transferiu-se de Lisboa para Lagos em finais de 1872, por contrato de compositor com Augusto Feio Soares de Azevedo⁽³⁰⁾, proprietário da tipografia da *Gazeta do Algarve* (1/1/1873-25/12/1877). Pouco depois, em Agosto desse ano, Jaime Quirino Chaves foi contratado por Domingos Leonardo Vieira Júnior como encarregado de composição da

27 | *O Futuro: Semanário Democrático*, n.º 246, 15/03/1896, p. 2. Referência à publicação de Rosas Desfolhadas. Alte: [Francisco Xavier Cândido Guerreiro] (Tavira: Typographia Burocratica), 202 p.; il., vinhetas e ornatos tipográficos; in-8.º (17 x 11 cm).

28 | Cf. PEDRO (1944).

29 | Nasceu no ano de 1848, em Benfica e faleceu em Olhão, na rua Nova da Cruz, a 20/12/1921. Era filho de Vicente António Quirino Chaves e de Florinda Amália Franco Chaves, irmão de Luís Quirino Chaves (1946-1924), jornalista, autor de contos e de comédias e tradutor, e primo de Pedro Wenceslau de Brito Aranha (1833-1914), redactor principal do *Diário de Notícias* e coordenador dos volumes 10.º a 16.º do *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio da Silva. Tal como Brito Aranha, iniciou a sua vida profissional como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional.

30 | Nasceu em Coimbra em 1868 e faleceu em Lisboa, a 02/09/1907. Era médico de profissão e exerceu durante 14 anos na cidade de Lagos. Seguiram-se temporadas nos Açores, África e Lisboa, onde se reformou. Foi eleito deputado pelo Partido Regenerador em 1880/1881. O seu sentido de intervenção pública levou-o a fundar *A Gazeta do Algarve* para o qual adquiriu oficina própria e contratou dois tipógrafos profissionais em Lisboa, que fizeram escola no Algarve: o já citado Jaime Quirino Chaves e Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa.

Tipografia Portimonense (1873-1879?)⁽³¹⁾, tendo assumido seguidamente a administração da oficina. Quando em 1878, Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas arrendou parte do parque tipográfico ao industrial de Silves, Salvador Gomes Vilarinho (Monção, 26/03/1825-Silves, 23/11/1883), para imprimir o primeiro jornal da antiga Xelb, *A Defesa do Povo: Folha Semanal* (15/09/1878-08/12/1880), Jaime Quirino Chaves acompanhou a maquinaria e aí permaneceu laborando, ensinando e editando até à transferência definitiva da oficina para Faro (1880). Manteve-se na capital do Algarve até tomar como destino Tavira, onde instalou a Tipografia Burocrática de João Daniel Gil Pessoa, dirigindo-a durante 20 anos (1882-1902). Em todos estes locais transmitiu os seus saberes e participou nas respectivas comunidades de debate e de escrita pública.

O «director em chefe» que «deu à luz» vários talentos algarvios era homem culto, formado sob os ideais do socialismo romântico saído da Revolução Francesa de 1848, ano do seu nascimento. As suas práticas colocam-no numa rede de sociabilidades culturais que o prestigiaram e permitem situá-lo naquele referente ideológico aludido. Dado à arte dramática, foi actor de comédia no antigo teatro da Rua dos Condes, em Lisboa e, no Algarve, integrou vários grupos de teatro, nomeadamente o grupo artístico-dramático da cidade de Lagos e o grupo dos curiosos do teatro artístico de Portimão, com representações no Teatro Gil Vicente e no S. Camilo. Também na música, integrou a Sociedade Recreio Musical Portimonense (1876). Em 1874, entre mais de duzentos associados, integrou a comissão administrativa da Associação das Classes Trabalhadoras de Portimão. A leitura, a sociabilidade e a solidariedade faziam parte da conduta deste intérprete, que viveu toda a sua vida da escrita.

Os seus projectos, para além de constituírem um expediente de rendimentos, revelam uma atitude consonante com o projecto de popularização da cultura escrita e assumem especial relevância num panorama editorial rarefeito, dominado pela imprensa periódica. Refiro-me à iniciativa editorial das colecções, com duplo impacto na operação cultural, visando, por um lado, o desenvolvimento do mercado livreiro, e por outro, a formação dos

31 | Trata-se da primeira oficina instalada em Portimão, arrendada por Domingos Leonardo Vieira Júnior (Portimão, 28/03/1840-27/03/1883) a António Joaquim Correia Júnior (Lagos, 1838-18??), de Lagos, para criar o jornal *O Município: Periódico Político Industrial e Noticioso do Algarve* em Portimão. A oficina foi adquirida na totalidade por Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas (Portimão, 28/12/1847-Faro, 29/01/1920), que a alugou parcialmente a Salvador Gomes Vilarinho, de Silves. Em 1880, Luís Mascarenhas reuniu a totalidade do parque tipográfico e instalou-o em Faro, onde já residia e trabalhava como professor de Inglês e de Matemática no Liceu.

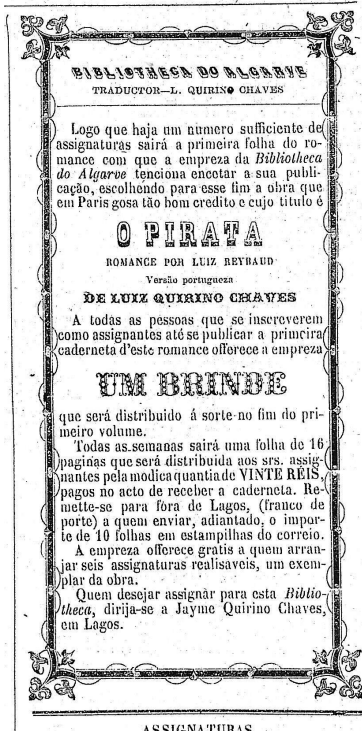


Fig. 7 - Publicidade à coleção «Bibliotheca do Algarve» - Fonte: *Gazeta do Algarve*.

gostos do público-leitor, no âmbito selectivo de autores e de textos³²).

Pouco tempo depois de chegar a Lagos, Jaime Quirino Chaves criou a colecção «Bibliotheca do Algarve» em parceria com o irmão Luís Quirino Chaves. Não se tratou de uma colecção literária de autores algarvios, mas de explorar o gosto e o apetite crescente pelo romance europeu. Em Lisboa, Luís Quirino Chaves assegurava as traduções das obras a editar, enviando-as ao irmão Jaime que as editava a partir da Tipografia da *Gazeta*. A colecção foi apresentada com o romance francês *O Pirata* de Louis Reybaud (1799-1879) e seria comercializada através do sistema de assinaturas, em cadernetas de 16 páginas (Fig. 7).

Mais tarde, em Portimão, consorciou-se com António Cândido de Mira Escalço Vieira para lançar à publicidade o *Bouquet Literário: Semanário Recreativo, Noticioso e Artístico*. A edição frustrou-se devido à falta de matéria tipográfica adequada ao projecto estético-literário que o *Bouquet* desenhara.

Com clientela certa, sem necessidade de grande investimento material e económico, a edição de um almanaque constituía, desde sempre, receita garantida³³. Destaca-se aqui, tal como já notáramos com o título «Bibliotheca do Algarve» a procura pela configuração local, apesar dos textos, dos formatos e das fórmulas editoriais serem amplamente partilhadas no espaço editorial europeu. Em 1877, Jaime Quirino Chaves publicou o *Almanach Económico* para 1878 em Portimão e, em 1880, editou o *Almanach dos Rolheiros*, destinado à classe operária predominante na cidade de Silves. A publicação é bem reveladora do alargamento e diversificação de leitores.

Jaime Quirino Chaves voltaria a retomar a ideia da colecção literária na cidade do rio Arade com a criação da empresa editora «Noites Algarvias». Prometia «bons romances» para a leitura ao serão e insistia na formação de

32 | BOSCHETTI (1991) e OLIVERO (1999).

33 | Sobre a evolução dos almanaques, v. LISBOA (2002: 11-23).

um mercado regional. A abertura coube ao romance *Trinta Anos d'Aventuras* do prolífico escritor francês Fortuné du Boisgobey (Paris, 1821-1891) (Fig. 8).

De uma assentada, Jaime Quirino Chaves conciliou diferentes variáveis que o prestigiaram enquanto tipógrafo e editor e que caracterizaremos como uma estratégia glocal da edição: utilizou uma fórmula editorial em voga, a «bibliotheca», a colecção, atribuindo-lhe simultaneamente a dimensão local da produção; a dimensão regional definida pelo horizonte do título das colecções; a nacional pelo consórcio com o tradutor reconhecido e, por fim, o plano internacional pela associação ao célebre romancista francês. É um exemplo que nos elucida acerca das estratégias de inserção das estruturas locais na circulação europeia de livros e de leituras. Se a edição regional se pode considerar como essencialmente periódica, as propostas editoriais de Jaime Quirino Chaves tornam-se ainda mais relevantes e inovadoras, conferindo-lhe um capital cultural decisivo para, enquanto director da Tipografia Burocrática, a alçar a principal pólo tipográfico-editorial.



Fig. 8 - Publicidade ao primeiro fascículo de *Trinta Anos de Aventuras*.
Fonte: *O Districto de Faro*, no 256, 2.2.1881.

III. *As sociabilidades da cultura impressa*

No início da década de 1890, o comerciante da praça de Tavira José Maria dos Santos⁽³⁴⁾ adquiriu a Tipografia Burocrática e a propriedade do *Jornal de Annuncios*, conduzindo-o até à sua transformação em *O Herald: Antigo Jornal de Annuncios* (03/01/1901 – 25/02/1912). Ambos se extinguiram em 1912 com a venda definitiva do parque gráfico e do jornal a Carlos Augusto Lyster Franco e a João Pedro de Sousa, que lhe deram continuidade na cidade de Faro como órgão de propaganda republicana, beneficiando do prestígio que o jornal alcançara na primeira década de noventa. Rebaptizaram a oficina, denominando-a Tipografia Democrática, mas mantiveram o título principal do periódico: *O Herald*.

34 | Nasceu em Tavira, em 1850 e aí faleceu a 23/08/1921. Casou com Maria do Sacramento Santos e foram seus filhos Maria Catarina Santos, António Crisóstomo Santos, José Maria dos Santos Junior e Eduardo José dos Santos.



Figura 9: Retrato de José Maria dos Santos.
Fonte: Arquivo Histórico de Tavira, *Livro de Registo dos Alvarás* (1909-1917).



Figura 10: Retrato de António Crisóstomo dos Santos, o principal animador literário d' *O Herald*.
Fonte: *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria*, Lisboa, n.º 59, Fev. 1902.

José Maria dos Santos consolidou o negócio e imprimiu uma feição progressivamente noticiosa e literária ao jornal, designadamente através da apropriação editorial do folhetim, onde Jaime Quirino Chaves participou, como lembrado nas memórias que um dos seus filhos nos deixou: «O redactor principal era o chefe da tipografia, Jaime Quirino Chaves, que eu ainda conheci muito bem, alcandorado num banco muito alto, sempre a ler e a escrevinhar.»⁽³⁵⁾

O *Jornal de Annuncios*, na sua aparente fragilidade de periódico publicitário, tornou-se estruturante na afirmação empresarial e literária da casa, como revela o título do novo jornal: *Heraldo*: «Antigo Jornal de *Annuncios*». José Maria dos Santos optou por uma estratégia de manutenção das relações e dos contactos herdados da gestão de Gil Pessoa, mas as suas ligações ao universo da imprensa e do livro eram mais íntimas e simultaneamente mais plurais. Proprietário da Tabacaria Popular, José Maria dos Santos integrava um núcleo activo de intelectuais locais, do qual fazia parte o republicano Roque Faria. Este grupo tinha na leitura e na discussão de ideias uma das suas formas de acção e de participação pública. Tanto a Tipografia Burocrática quanto a Tabacaria Popular integraram o circuito urbano da sociabilidade intelectual de Tavira, exponenciado pela sua participação no movimento associativo local.

No final do século, a oficina constituir-se-ia numa espécie de laboratório de experiências de escrita e de criatividade para os mais novos, os nascidos entre as décadas de 1870 e de 1880,

35 | Eduardo José dos Santos – «Apointamentos para memórias». *Povo Algarvio: Semanário Regionalista*. Tavira, n.os 1406 e 1407, de 18/06/1961.

que aqui «nasceram», como testemunhámos a propósito do poeta Cândido Guerreiro e, com outro sentido, lemos nas palavras de Eduardo Santos:

«Se disser que, ao abrir os olhos para o mundo, uma das primeiras coisas que vi foi um jornal, não faço apenas uma figura de retórica. A Tabacaria Popular, debaixo dos Arcos, e a Tipografia Burocrática, na Rua Nova Pequena, que é hoje a Alexandre Herculano, ambos esses estabelecimentos propriedade de meu pai, formam o quadro em que a minha infantil curiosidade foi despertada para a vida.»⁽³⁶⁾

Os descendentes de José Maria dos Santos, com destaque para António Crisóstomo dos Santos (Fig. 10), mais tarde fundador do *Correio do Sul* (1920, com Bernardo de Passos e José Dias Sancho) e o principal animador de *O Herald*, estimularam uma ambiência que não se restringia apenas aos contactos com o comércio e a indústria. Exemplo da nova sociabilidade literária é a publicação do jornal *O Reyno do Algarve* por quatro novos: António Crisóstomo dos Santos, José Ribeiro Castanho, João Lúcio e José Francisco Teixeira de Azevedo, em 1899. Com a cumplicidade dos mais velhos, absolutamente comprometidos com a divulgação do conhecimento e com a formação da opinião pública – evoco o papel tutelar não só de José Maria dos Santos, mas também de Bernardo de Passos (pai), Salazar Moscoso, Ludovico de Menezes, Carlos Lyster Franco, Rodrigues Davim, entre muitos outros, – os jovens (leitores, escritores, jornalistas, tipógrafos) integraram o circuito da ampla comunicação e cumplicidade periodística e deram ao *Herald* o cunho cosmopolita, atento às novidades estético-literárias europeias, que a publicação de «O Futurismo» a 1 de Agosto de 1909 tão bem ilustra⁽³⁷⁾.

Ainda nos movimentos literários de 1915-1917 e de 1958-1961 encontraremos sinais do instigante viveiro intelectual que a Tipografia Burocrática criou e o alcance das suas repercussões na expansão sociocultural da cidade de Tavira e do Algarve.⁽³⁸⁾

36 | *Ibidem*.

37 | PALMA (2013: 113-126).

38 | PALMA (2011: 125-142).

Palavras Finais: um repto

Face à relevância cultural que a Tipografia Burocrática ocupou no circuito editorial e, em particular, enquanto propulsora regional das actividades de escrita, de pensamento, de debate e de criação literária que aqui aflorámos, é do interesse público que o seu património documental possa ser salvaguardado e conhecido⁽³⁹⁾.

Esse passo será, por um lado, fundamental para o conhecimento, estudo em extensão e profundidade da actividade editorial portuguesa nas suas múltiplas configurações e singularidades e, por outro lado, configurará uma mensagem explícita de que o património e a cultura são realmente considerados como factores estratégicos para o desenvolvimento societal e para o vigor das sociedades democráticas.

Oxalá, de algum modo, os apontamentos aqui reunidos possam servir esse fim.

39 | Apesar da extinção da Tipografia Burocrática em 1912, a família Santos manteve a Tabacaria, Livraria e Papelaria Popular em actividade até 2015, preservando a documentação relativa à Tipografia e às demais actividades correlatas. Tendo conhecimento da sua existência, é meu dever alertar para esta possibilidade, de modo a alterar aquele que parece ser um infeliz padrão português, como tão bem descreveu ANSELMO (1997: 18-19): «Não somos uma comunidade habituada ao respeito da memória cultural e do património, o que explica a escassez de documentação primária e secundária. Pensemos em registos notariais e alfandegários que se perderam, pensemos no descaso com que foram tratados os caixotins das tipografias extintas, pensemos na destruição das xilografuras, pensemos na presteza com que se deitaram ao lixo os arquivos dos nossos editores desaparecidos, tudo sacrificado a um pseudo-reformismo de pacotilha.»

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSELMO, Artur (1997) – *Estudos de história do livro*. Lisboa: Guimarães Editores.
- BOSCHETTI, Anna (1991) – «Légitimité littéraire et stratégies éditoriales». In CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean – *Histoire de l'édition française, vol. 4, Le livre concurrencé: 1900-1950*, Paris: Promodis/Fayard, pp. 480-527.
- BOURDIEU, Pierre (1992) – *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*, Paris: Seuil.
- BRICKELL, Katherine and DATTA, Ayona, ed. (2011) – *Translocal geographies: spaces, places, connections*. Surrey: Ashgate Publishing Limited.
- DE CERTEAU, Michel (1990 [1980]) – *L'invention du quotidien 1. arts de faire*. Paris: Éditions Gallimard.
- CHARTIER, Roger (1988) – *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. e Chartier
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean (2000 [1958]) – *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FINKELSTEIN, David (2014) – «Nineteenth-century Print on the Move: a Perilous Study of Trans-local Migration and Print Skills Transfer». In MCELLIGOTT, Jason and E. Patten (ed.) – *The Perils of Print Culture: Book, Print and Publishing History in Theory and Practice*. Palgrave Macmillan UK, pp. 150-166.
- LISBOA, João Luís (2002) - «Almanaques». In *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: biblioteca Nacional, pp. 11-23.
- _____ (2015) – «Os editores: Portugal e as transformações no mundo do impresso no século XIX». In MELO, Daniel – *História e Património da Edição – A Romano Torres*. Edições Húmus e Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar.
- OLIVEIRA, Custódio José (1853) – *A Voz do Operário: jornal das classes laboriosas*. Porto, n.º 3, 02/07/1853.
- OLIVERO, I. (1999) – *L' invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle*. Paris: Éditions de l'IMEC.
- PALMA, Patrícia de Jesus (2011) – «Tipografia Cácia: a propósito dos Cadernos e fascículos que aí se imprimiram». *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Centro de História da Cultura, n.º 28, pp. 125-142. ISSN 0870-4546. Acessível em: <http://cultura.revues.org/203>
- _____ (2013) – «Novos dados para a história do Futurismo em Portugal». In LOPES, Teresa Rita, org. – *Modernista: Antologia de artigos da revista Modernista, com colab. de Ana Rita Palmeirim e Maria João Serrado*. Lisboa: IEMO – Grupo Interdisciplinar de Estudos Pessoanos e Modernistas do Centro de História da Cultura da FCSH-UNL, pp. 113-126.
- _____ (2014) – «A actividade tipográfica no concelho de Loulé». *al-'ulyà: Revista do Arquivo Municipal de Loulé*. Loulé: Arquivo Municipal, n.º 14, p. 145-164.
- _____ (2016) – «Contributo para a história da edição contemporânea em Portugal: a emergência da edição impressa na periferia, o caso do Algarve (1808-1910)». AA.VV. – *Promontoria Monográfica História do Algarve 03. Apontamentos para a História das Culturas de Escrita: da Idade do Ferro à Era Digital*. Faro: Centro de Estudos em

Património, Paisagem e Construção da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Dez., pp. 157-184.

PEDRO, Manuel (1944) – *Tipógrafos ilustres: conferência*. Porto: Imp. Moderna.

PEREIRA, José Pacheco (1981) – «A origem do movimento operário no Porto: as associações mutualistas (1850-1870)». *Análise Social*, vol. XVII (65), pp. 135-151.

RAFAEL, Gina Guedes e SANTOS, Manuela (2001) – *Jornais e Revistas Portuguesas do Séc. XIX*. Pref.de José Manuel Tengarrinha. Lisboa: Biblioteca Nacional. 2 vols.

RIBEIRO, José Silvestre (1887) – «Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas». In *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal nos Successivos Reinados da Monarchia*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. Vol. XV.

ROMÃO, João Caldeira (2013) – *O Associativismo em Portugal: a Ginástica em Vila Real de Santo António: estudo de caso*. Vila Real de Santo António: [s.n.].

SANTOS, Eduardo José dos – «Apontamentos para memórias». *Povo Algarvio: Semanário Regionalista*. Tavira, n.os 1406 e 1407, de 18/06/1961.

TELLES, João José de Sousa (1864) – *Anuario portuguez scientifico, litterario e artistico por (...) 1863*. Lisboa: Typographia Universal, 1864.

ANEXO

LEVANTAMENTO PARCIAL DA PRODUÇÃO DA TIPOGRAFIA BUROCRÁTICA

I. PERIÓDICOS

01/02/1883-27/12/1900 - *Jornal de Annuncios: edição de Tavira*. Tavira: ed. da Tipografia Burocrática.

1883 – *Almanach Tavirense para 1884*: ed. da Tipografia Burocrática, 119 pp.

1883? – 31/01/1885. *Jornal de Annuncios: edição de Portimão*. Portimão (Tavira: Tipografia Burocrática).

1884-1885 – *Jornal de annuncios: edição de Cuba*. Cuba (Tavira: Tip. Burocrática).

1885-1907? – *Almanack Ecclesiasticum*. Tavira (Tip. Burocrática).

04/1886? – 25/08/1888 - *Jornal de Annuncios: edição de Lagos*. Lagos (Tavira: Tipografia Burocrática)

16/02/1890 – 09/11/1890 – *O Patriota: hebdomanário Independente*. Monchique: António Lobo de Almada Negreiros (Tavira: Tip. Burocrática).

19/07/1891 – *O Lacobrigense*. Lagos: José Joaquim Nunes (Tavira: Tip. Burocrática).

1892 – *A Sentinela: Semanário Militar Independente*. Tavira: João António Bernardo Júnior.

1893 – *Tavira. Semanário Grátis*. Tavira: ed. da Tipografia Burocrática

13/08/1899 – 05/11/1899 – *O Reyno do Algarve*, Tavira: ed. Tipografia Burocrática.

03/01/1901 – 25/02/1912 – *O Herald: Antigo Jornal de Annuncios*. Tavira: ed. da Tipografia Burocrática.

1906 – *Folhinhas dos Pobres*. Tavira: ed. da Tipografia Burocrática.

07/02/1907 – 12/12/1910 – *Jornal de Annuncios*. Loulé: Anastácio Guerreiro Dourado (Tavira: Tipografia Burocrática).

II. FOLHETOS E LIVROS:

1885 - GARCIA, Joaquim – *Barca-volante: arte de pesca de lançamento*. Tavira, ed. de autor, 31 pp.

1891 - *Nomes de todas as pessoas que teem direito a soccorros prestados pela Real Casa do Compromisso Marítimo de Lagos*, Lagos: Real Casa do Compromisso Marítimo de Lagos, 14 pp.

1891 - WEINHOLTZ, Francisco de Almeida de Bívar – *Memoria sobre a Economia Rural da 9.ª Região Agronómica*. Tavira: ed. de autor, 134 pp.

1892 - *Biographia de Remechido O Celebre Guerrilheiro do Algarve*, Tavira: ed. da Tipografia Burocrática, 77 pp.

1892 - FRAZÃO, Primo Firmino Brazão (trad.), *Fabulas de Phedro*, Tavira: ed. do trad., 98 pp.;

1894 - CASTRO, José Fortunato de – *Estudo sobre as madeiras de construcção da ilha de S. Thomé*. Tavira, ed. de autor, 31 pp.

1894 - S.A., *Memoria dos desastrosos acontecimentos de Albufeira por occasião da invasão dos guerrilhas em Julho de 1833*. Tavira: ed. da Tipografia Burocrática, 90 pp.;

1895 - AA.VV. – *Homenagem da Academia Fareense a João de Deus*, Faro, 6 pp.

1895 - GUERREIRO, Francisco Xavier Cândido – *Rosas Desfolhadas*, Alte: ed. de autor, 199 pp.

1895 - *Novo Código Administrativo*. Tavira: ed. Tipografia Burocrática / José Maria dos Santos.

1897 - OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde – *Contos Infantis. Sexo Masculino*, vol. II, Tavira, ed. de autor, 238 pp.

1898 - OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde – *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Tavira, ed. de autor, 299 pp.

1899 - LEOTE, Diogo – *Escorços jurídicos: contribuições indirectas municipais – farinhas: pão, uma sentença proferida em 1.ª instância*, Tavira, ed. de autor, 45 pp.;

1900 - OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde – *Contos Tradicionaes do Algarve*, vol. I, Tavira, ed. de autor, 480 pp.;

1909 - *Relatório da Sociedade cooperativa do grupo económico: Villa Real de Santo António: gerência de 1909*, Tavira, 19 pp.